

REFLEXÕES TEÓRICAS  
SOBRE O COTIDIANO E A GEOGRAFIA  
NO ENVELHECIMENTO HUMANO

Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega<sup>1</sup>

resumo

O presente artigo foi construído como um exercício de reflexão teórica com base na leitura do mundo atual como expressão da modernidade em transformação. Nesse sentido, o envelhecimento humano foi trabalhado a partir da construção de cotidiano que emerge na modernidade e influencia diretamente na leitura dos processos socioespaciais. Inexoravelmente, a reflexão sobre o mundo e os processos relacionados à dinâmica do mundo são, em essência, geográficos, uma vez que toda ação social é realizada em um mundo real e concreto. Pensar a contemporaneidade, entre outras possibilidades, exige reflexões sobre o *concebido*, o *percebido* e o *vivido*, o que nos leva a recorrer à vida cotidiana, em sentido amplo, como categoria central da reflexão, uma vez que ela nos ajuda a entender os mecanismos de reprodução social que revelam as possibilidades e impossibilidades de realização da vida em seus diferentes níveis. Por isso, assumimos que as reflexões entre cotidiano e geografia

---

<sup>1</sup> Licenciado em Geografia (UFPE), Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFPE). Doutorando em Geografia Humana (USP). Professor Substituto da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), vinculado ao Departamento de História. E-mail: nobregap84@gmail.com.

podem, se utilizadas com cuidado, ajudar na interpretação do mundo atual, com particular interesse, da velhice e do processo de envelhecimento. Este exercício pressupõe analisar vínculos e comportamentos para além do aparente, evidenciando os processos de forma sincrônica e diacrônica, recuperando os nexos e as contradições da reprodução da vida em sociedade, para além do imediatamente aparente e estrutural.

palavras-chave

Envelhecimento Humano. Cotidiano. Vida Cotidiana.

## 1 Introdução: contextualizando questões

Os estudos sobre o envelhecimento relacionando os velhos com o ambiente vivido são bastante superficiais. A maioria desses estudos entende o ambiente como as condições físicas das casas, instituições de permanência ou algumas barreiras generalizadas encontradas nas cercanias dos lugares onde claramente se percebe a presença dos velhos, como corroboram as análises realizadas e apontadas em alguns estudos realizados por Camarano (2002) e Bacelar (2002). Dificilmente os artigos, dissertações, teses e livros que tratam do envelhecimento abordam as questões relacionadas à velhice como fazendo parte da totalidade. De uma forma geral, parece que o tema é recortado como se fosse ele em si uma totalidade desconectada da sociedade, o que leva a dois movimentos muito complicados: 1) um preciosismo exacerbado sobre a realidade dos velhos, o que os coloca como vítimas de um mundo perverso que impede qualquer laço de sociabilidade intergeracional; e 2) reflexões descontextualizadas das práticas socioespaciais que isolam os velhos do mundo real, concreto e vivido, o que faz parecer que os velhos não estabelecem relações espaciais com o mundo. Em ambos os casos, percebemos que uma revisão (alerto que a realização desta revisão não é o objetivo deste artigo, senão a apontamos como um exercício por fazer) sobre o entendimento de algumas categorias e conceitos de análise da Geografia poderia ajudar na redefinição e acuidade no trato das questões centrais do envelhecimento humano.

Se nos restringíssemos a analisar o universo geográfico, perceberíamos facilmente que a maior parte dos estudos estão concentrados como um subtema da disciplina de Geografia da população em seu viés demográfico e estatístico, o que supre certas necessidades teóricas e conceituais, mas não contribui para a

conexão completa com a totalidade mundo em movimento. Faz-se urgente que o envelhecimento deixe de figurar como um subtema fragmentado e localizado no interior da Geografia da população e dialogue com a ciência geográfica como um todo, com as Ciências Humanas, Sociais e Médicas.

As últimas trinta décadas no Brasil foram especialmente importantes para a velhice: em 1996, foi sancionada a Política Nacional do Idoso, e em 2003, foi publicado o Estatuto do Idoso, além de uma série de pequenas conquistas e programas realizados nos níveis nacional, estadual e local. Todas essas iniciativas têm como objetivo central garantir melhores condições de acesso à saúde, educação, moradia, participação social, lazer, entre outros elementos fundamentais à manutenção e realização da vida. Além disso, ao debruçarmos sobre os impactos que esse conjunto de medidas tem na vida dos velhos, percebe-se que entre o concebido legalmente e a prática social, há um descolamento que provoca a necessidade de reflexão e ação (ONU, 2002).

Refletir sobre o envelhecimento humano e as consequências do mesmo em relação ao processo de reprodução social pressupõe trafegar entre diferentes áreas, o que faz a questão aparecer como multidisciplinar desde a sua gênese. Outra contextualização necessária à reflexão sobre o tema deve compreender que há um desafio posto entre aquilo que é apresentado como possibilidade legal (conjunto de políticas, leis e decretos) e aquilo que aparece como realidade prática, ou seja, como ação cotidiana. Estas duas dimensões impõem uma terceira como tentativa de minimizar a contração, que consiste em entender quais são as ações possíveis e os processos de inserção e adaptação necessários para que os direitos oferecidos, através do aparato legal, sejam realizados e expressos através da ação cotidiana (TOMASINI, 2005).

Ainda que o mundo moderno seja reflexo de um processo de captura dos desejos, sonhos e interesses por parte dos meios e modos de produção do capital, a vida se realiza, contemporaneamente, como um mosaico complexo que tem mediação direta das técnicas e tecnologias. Essa mediação, no estágio atual da sociedade, encontra-se cada vez mais regida pela aceleração dos tempos, o que pode entrar em choque com a necessidade da construção de relações baseadas em um tempo lento, por parte de uma parcela dos velhos. Essa condição veloz acaba por solapar tudo aquilo que não acompanha esse ritmo, neste contexto, os velhos são subjugados no processo de reprodução social. (SANTOS, 2002, p. 171-184).

Partimos do pressuposto, quase senso comum, que a vida no mundo moderno se dá de forma intensa, o estranhamento para com o outro é tão acelerado que não é possível estabelecer pactos de sociabilidade ou uma construção mais densa no que tange às redes de solidariedade, uma vez que a

cotidianidade está orientada para que os indivíduos entrem cada vez mais no mundo do consumo que alimenta a reprodução do capital (LEFEBVRE, 1991). Diante do contexto atual e à velocidade inerente ao processo de reprodução do capital, ser identificado como um sujeito ou um grupo social que dificulta a fluidez do mercado e que onera os cofres do Estado se configura como tudo aquilo que não se deseja (numa perspectiva diferente da sociológica). Assim, parece que a existência dos velhos, para alguns indivíduos que enxergam as relações sociais apenas como relações decorrentes da economia, apresenta-se como condição de risco para a sociedade atual, quer seja pela oneração do dinheiro público através dos programas de seguridade social, quer seja pela confrontação de que o mundo atual e o mundo em via de realizar-se podem perder força produtiva com o aumento do número de velhos no âmbito geral da dinâmica populacional. Os velhos, vistos desta maneira, são apresentados como um problema grave que precisa ser combatido.

Ao refletir sobre os pobres, Kowarick (2002), chega à conclusão de que a sociedade atual trata os idosos como não sujeitos, estabelecendo um paralelo entre o texto do Kowarick e a situação dos velhos pobres. Estes parecem que estão em uma condição que supera negativamente a negação de sujeitos. Há uma representação social negativa que foi construída acerca dos subalternizados que estimula as reflexões no que tange aos quadros de exceção que animam a dinâmica social de reprodução da vida, pois é dessa espécie de “marginalidade” que emerge uma dimensão complexa. Em outras palavras, a imposição de um cotidiano massacrante que subjuga os velhos a um lugar social desprivilegiado, tanto como efetividade como representação, posiciona a velhice no mundo atual muito mais como um problema social. Obviamente, há outras relações menos perversas e menos dissimétricas sobre a velhice. No entanto, muitas destas outras relações aparecem como um movimento do mercado e do sistema financeiro de capturar os rendimentos do grupo de velhos que têm acesso ao sistema previdenciário ou que acumularam dinheiro ao longo dos anos.

O cenário ao qual Kowarick (2002) faz referência e apresenta como “viver em risco” talvez seja o mesmo risco ao qual fez Michel de Certeau entender as *relações de forças* às quais a vida é construída. Nesse sentido, vendo a sociedade em seu movimento cotidiano, Certeau identifica uma série de “combates ou de jogos entre o forte e o fraco, e das ações que o fraco pode empreender” (CERTEAU, 2002, p. 97), uma espécie de jogo das *estratégias*<sup>2</sup>, estabelecido

---

2 “[...] chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade,

por aqueles que detêm o controle das estruturas de poder, tendo a capacidade de dominar e subjugar as ações dos mais fracos. Enquanto os mais fracos respondem às estratégias dos mais fortes através de um jogo tático complexo que consiste em criar possibilidades para sobreviver, para isso subvertem as imposições dos mais fortes. Nesse sentido, é possível observar uma capacidade de reação dos subalternizados através da elaboração de *táticas*<sup>3</sup> que respondem às perversidades das estratégias impostas. Esse movimento Certeau apresenta como sendo *a arte do fraco*<sup>4</sup>, o que parece ser o lugar de ação dos mais velhos no processo de reprodução da vida.

O cotidiano se apresenta como o lugar privilegiado para entender a ação dos grupos subalternizados, ou seja, é no cotidiano que as táticas contra as estratégias hegemônicas podem se realizar. Por isso, esse lugar privilegiado tem de ser estudado com acuidade a fim de revelar os sentidos da reprodução da vida em sociedade. As manifestações dos fracos, realizadas no nível de análise do cotidiano, buscando capturar as táticas associadas à reprodução da vida cotidiana, auxiliam na construção de instrumentos teóricos e analíticos que dotam o pesquisador da possibilidade de mergulhar profundamente nos significados e sentidos da reprodução social, uma vez que a tentativa de sobrevivência, ainda que como sujeitos subalternizados, revelam táticas socialmente construídas para tentar superar a lógica da sociedade de consumo (SANTOS, 1987; LEFEBVRE, 1991; 2004).

Analisar a vida cotidiana dos velhos e os diálogos da mesma com o espaço geográfico passa inevitavelmente por entender quais os efeitos do tempo nos indivíduos e nos grupos sociais, particularmente em um contexto em que sociedade atual se encontra cada vez mais identificada como a sociedade do

---

uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos e ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.)" (CERTEAU, 2002, p. 99).

3 "[...] chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então, nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento "dentro do campo de visão do inimigo" [...] Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as "ocasiões" e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas nunca docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante." (CERTEAU, 2002, p. 100).

4 "As forças são distribuídas, não se pode correr o risco de fingir com elas. O poder se acha amarrado à sua visibilidade. Ao contrário, a astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como 'último recurso': 'Quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia'. Traduzindo: tanto mais se torna tática." (CERTEAU, 2002, p. 101).

consumo, do tempo veloz, da informação em tempo real e do conflito entre o público e o privado. Além vivermos um conflito de ordem prática e cotidiana que alimenta a perversidade da condição atual do mundo para os velhos, enquanto os postos de trabalho estão cada vez mais atrelados ao uso cada vez menor da força física, presenciamos cada vez mais uma redução das oportunidades para aqueles que atingem certa faixa etária.

## 2 A geografia do envelhecimento humano revela-se entre outras coisas a partir do cotidiano e da vida cotidiana

Há, no cotidiano, a possibilidade se sentir a presença ainda que na ausência. Há uma potencialidade criadora e norteadora do sentido da vida, da reprodução da vida. Ao mesmo tempo em que o cotidiano e a realização da vida cotidiana possibilitam perceber contextos compartilhados, eles também funcionam como nexos centrais na construção das relações sociais, das práticas sociais e do trabalho. Sob esse conjunto de reflexões, as práticas sociais aparecem como os sentidos da reprodução da vida através do trabalho e da construção da rede de relações sociais. Como apresenta Carlos (2001, p. 12), o espaço social em sua dinâmica de produção, para ser analisado, necessita de uma aglutinação de perspectivas e níveis de realidade, ou seja:

[...] momentos diferenciados da reprodução geral da sociedade, como a dominação política, o da acumulação do capital, da realização da vida [...]. O espaço corresponde a uma realidade global, revelando-se no plano do abstrato, e diz respeito ao plano do conhecimento, sua produção social, a prática socioespacial, liga-se ao concreto.

Lefebvre (2006) propõe que o espaço (social) não se apresenta como uma coisa qualquer, não é simplesmente um produto entre os produtos: ele abarca as coisas produzidas, compreende as relações entre as coisas produzidas, tendo como condição as possibilidades de coexistência e a simultaneidade dos acontecimentos. O espaço social pressupõe uma ordem e uma desordem, ao mesmo tempo, e nunca se reduz a ser um simples objeto; possibilita e permite ações; é constituído de ações que produzem ou consomem, mas que gravitam inexoravelmente pela lógica da produção e “[...] o espaço social implica múltiplos conhecimentos” (LEFEBVRE, 2006, p. 52).

A pluralidade de acontecimentos e conhecimentos se organiza, privilegiadamente, em contextos urbanos, produzindo cidades. O espaço, assim como a vida na sociedade moderna, encontra-se como resultado de repetições, é forjado

em meio a um aparato técnico repetitivo e a uma base tecnológica que suscita cenários de repetição (LEFEBVRE, 1991). Assim, sociedade e espaço são repetições de si mesmo e, sob os auspícios da alienação, não se distingue mais as ordens distantes das ordens próximas. O imediato se torna o reflexo do realizado alhures, tudo se torna envolto a uma camada pasteurizada, que não é reflexo da criação social enquanto obra, mas do modo de produção que a sociedade opera<sup>5</sup>.

O cotidiano surge como uma captura e programa do processo de reprodução do capital. Assim, o reflexo do mundo contemporâneo aparece como o resultado da relação produção e consumo e, com isso, o espaço também é produzido e consumido simultaneamente e comprometendo-se em si mesmo e na relação com a sociedade. O espaço tem conteúdo, o espaço revela relações sociais que se interconectam através da sua polivalência. Desse jeito, o espaço é produto, mas também condição social e meio de realização que ganha sentido a partir das tramas miúdas, dos detalhes, das injunções e das disjunções ocasionadas a partir de escapes e pontos de fuga no contexto das repetições. O espaço é considerado, assim, *morfologia social* (LEFEBVRE, 2006), que está impregnada de sentido a partir do conjunto das práticas, do vivido. O espaço corresponde às formas, estruturas e funções necessárias para a reprodução social<sup>6</sup>.

Recorrendo a Seabra (2003), pode-se entender que o processo de reprodução do espaço, analisado a partir da centralidade do cotidiano, que nada mais é do que o vivido como repetição, mas também como possibilidade de ruptura da repetição alienada, apresenta-se de fato como o sentido e local da reprodução do urbano. Neste sentido, a produção do espaço é o equivalente à reprodução do espaço urbano, que tem como uma das suas vertentes a cidade. Assim, a vida nas cidades, em teoria, impõe um modo de vida que tem a capacidade de superar as separações e promover uma síntese. Sob esse signo, a cidade, apesar de revelar todas as contradições, segregações e reproduções dissimétricas, é o local da possibilidade de negar a negação e entender os fios da vida cotidiana que ajudam a realizar a apropriação dos fragmentos dispersos<sup>7</sup>.

---

5 "Um espaço contém objetos muito diversos, naturais e sociais, redes e filões, veículos de trocas materiais e de informação. Ele não se reduz nem aos objetos que ele contém, nem à sua soma. Esses objetos não são apenas coisas, mas relações. Como Objetos, eles possuem particularidades conhecíveis, contornos e formas. O trabalho social os transforma. Ele os situa diferentemente nos conjuntos espaço-temporais, mesmo quando respeita sua materialidade, sua naturalidade." (LEFEBVRE, 2006, p. 18).

6 "Para apreender o conceito de produção do espaço é necessário dissipar as ideologias que marcaram o uso das forças produtivas no seio dos modos de produção em geral, em particular, do modo de produção existente." (LEFEBVRE, 2006, p. 18).

7 "O urbano é entendido como uma utopia real e um modo de vida, âmbito da comunicação e da troca generalizada, da simultaneidade onde se desfaz a ordem próxima e a ordem distante, o imediato e o mediato." (SEABRA, 2003, p. 21).

As tramas tecidas na cidade, reflexo das possibilidades de materialização das virtualidades do urbano, não se dão de uma forma homogênea e hegemônica. Do contrário, o espaço urbano seria o reflexo direto de uma construção estabelecida a partir e através da prática social, que, como os indivíduos e a própria sociedade, é contraditória em gênese e essência. O devaneio idealista de um mundo reflexo de um pensamento único, bom para todos, desfaz-se no ar. Os caminhos que levam a essa dissolução são facilmente estabelecidos com uma simples observação acerca do comportamento dos processos que compõem o quadro amplo de reprodução da vida, ou seja, a vida real não cabe em um movimento único, pois, em si, a vida se dá de forma múltipla, abarcando semelhanças e divergências, sincronias e diacronias. Por isso, como aponta Seabra (2003, p. 9), “[...]o urbano, reunião de todos e de tudo, como modo de vida, ascende no horizonte. Mas com a impossibilidade de superação dos impasses da fragmentação, o urbano não se realiza, aprofundam-se as separações”. Como reflexo da necessidade de entender os elementos constituintes de cada fragmento que compõe a sociedade, a vida cotidiana e o cotidiano surgem como nível de apropriação para pôr em tensão os elementos que compõem a *polissemia*, a *polirritmia*, a *polifonia* e a *polivalência* da reprodução da vida (LEFEBVRE, 1977; 2004; 2006; 2011).

O mundo moderno mediado pelos processos multiescalares, que possibilitam o acontecer da vida aqui e alhures por meio de técnicas sofisticadas e tecnologias de última geração, precisa, até o momento atual, que haja pessoas, vidas, contextos e sociedades que dotem todo esse aparato de sentido (LEFEBVRE, 1977; 2011). O cotidiano aparece não apenas como a negação da filosofia, mas como a possibilidade de pensar a prática social utilizando elementos e categorias filosóficas para auxiliar no desvendamento dos nexos de reprodução da vida (espaço e sociedade). Lefebvre, como resultado desse movimento de articular filosofia e prática social, percebe o cotidiano como um lugar central de análise para o pensamento social contemporâneo<sup>8</sup>.

A reprodução social, que também é a reprodução do espaço, revela a necessidade de ser pensada e analisada a partir da potencialidade que o cotidiano guarda, mas essa potencialidade não deve estar restrita ao mundo das realizações práticas, pura e simplesmente, senão a um cenário de reflexão e contemplação próprio do ser filosófico que será capaz de auxiliar na elucidação e na apresentação de novas formas de conceber o mundo vivido (LEFEBVRE,

---

8 “Permanece aberto um único caminho: descrever e analisar o cotidiano a partir da filosofia para mostrar a dualidade, sua decadência e fecundidade, sua miséria e riqueza. Isso implica o projeto revolucionário de um parto que tirasse do cotidiano a atividade criadora inerente, a obra acabada.” (LEFEBVRE, 1991, p. 25).



2004; 2011). Estudar a reprodução do espaço com base nas emergências postas a partir do cotidiano e da vida cotidiana é tentar superar os estigmas da alienação. Lefebvre (1991, p. 27-28) põe como a superação da alienação filosófica (verdade sem realidade) e da alienação cotidiana (realidade sem verdade) a seguinte passagem: “[...]fazemos dela [a filosofia] a cabeça e o ponto de partida de uma transformação do mundo não-filosófico, na medida em que ele se revela trivialidade, banalidade prática e prática banal”.

Emerge desde o espaço teórico, entre cotidiano e vida cotidiana, entre filosofia e prática social, o conceito de cotidianidade:

O conceito de cotidianidade provém da filosofia e não pode ser compreendido sem ela. Ele designa o não-filosófico para e pela filosofia. Mas o pensamento só pode levá-lo em consideração no decorrer de uma crítica da filosofia. O conceito de cotidianidade não vem do cotidiano, nem o reflete: ele exprime antes de tudo a transformação do cotidiano vista como possível em nome da filosofia. Também não provém da filosofia isolada, ele nasce da filosofia que reflete sobre a não-filosofia, o que é sem dúvida o arremate supremo de sua própria superação. (LEFEBVRE, 1991, p. 30).

A cotidianidade, como definida por Lefebvre (1991) acima, não é puramente filosófica, tampouco tem relação direta com o cotidiano (não filosofia), mas põe uma marcha, um sentido refletido sobre o plano cotidiano. Por isso, a cotidianidade dá caminhos para pensar como a vida cotidiana se realiza e permite entender para além das repetições as possibilidades de implantar o novo ou considerar aquilo que escapou, aquilo que não foi considerado no processo de reprodução da vida mediada pelos processos de reprodução do capital. O cotidiano se apresenta como algo que constitui um sentido amplo:

Seria algo mais: não uma queda vertiginosa, nem um bloqueio ou obstáculo, mas um campo e uma renovação simultânea, uma etapa e um trampolim, um momento composto de momentos (necessidades, trabalho, diversão – produtos e obras – passividade e criatividade – meios e finalidades), interação dialética da qual seria impossível não partir para realizar o possível (a totalidade dos possíveis). (LEFEBVRE, 1991, p. 30).

A vida cotidiana se apresenta como síntese do processo de reprodução da vida uma vez que ela representa a possibilidade do encontro entre o parcelar e o total, a racionalidade e a irracionalidade (NÓBREGA, 2010). Além disso, Lefebvre (1991, p. 37) reforça que é na vida cotidiana que os problemas concretos da produção se dão de maneira abrangente, possibilitando enxergar o movimento que parte desde a condição de raridade até a abundância.

3 Envelhecimento humano e a geografia precisam sair da clandestinidade e assumir a centralidade das reflexões

O envelhecimento humano sempre foi tomado como um tema repleto de tabus e medos, não raro são colecionados depoimentos em conversas informais entre parentes, amigos e conhecidos acerca do desafio e dos limites que estão entorno do envelhecimento, muitas vezes retratado de forma pejorativa, quase sempre associada à senilidade e às dificuldades relativas à mobilidade reduzida (MARTINS, 1997; 2002; CAMARANO, 2002; BACELAR, 2002). Em um simples passeio por lugares públicos, é possível colecionar relatos que servem de ponto de partida para estabelecer reflexões acerca da condição do idoso. Ao momento que este texto está sendo redigido, em um intervalo de aproximadamente 60 minutos, mais de 13 idosos estão sendo vítima de alguma espécie de agressão no Brasil<sup>9</sup> (IBGE, 2015; MRE, 2004).

Esses dados dizem respeito aos casos de violência que foram contabilizados através de denúncias. Somam-se a esses números já alarmantes todos os casos que não foram denunciados, todas as agressões sofridas de forma subjetiva em casa, no espaço público, nos lugares de encontro.

Não é raro vermos, nas manchetes de jornais periódicos ou nos telejornais, velhos que sofrem violências, as mais diversas, em ambientes que supostamente eram preparados para dar-lhes uma possibilidade de viver com condições adequadas de qualidade de vida ou até mesmo em suas casas ou nas casas de familiares e parentes próximos. Sobre esse quadro vergonhoso da condição da velhice contemporânea, faz-se impossível não resgatar o pensamento de Simone de Beauvoir (1990, p. 265):

[...] a condição das pessoas idosas é hoje escandalosa. [...] De maneira geral, ela [a sociedade] fecha os olhos para os abusos, os escândalos e os dramas que não abalam seu equilíbrio. [...] Cada membro da sociedade deveria saber que seu futuro está em questão; e quase todos têm relações individuais e estreitas com certos velhos.

Observando as notícias veiculadas pela imprensa, além da coleção de depoimentos informais juntos aos velhos, as constatações não nos levam para um destino distante daquele apontado por Simone de Beauvoir (1990). Sem dúvidas, a sociedade moderna é responsável, em muitos casos, por reforçar negativamente a importância dos velhos, pois todos os dias são

---

9 Cálculo feito a partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2013).

cometidos crimes bárbaros contra a velhice e isso passa despercebido pela grande maioria da população.

A vida cotidiana dos velhos cada vez mais está limitada aos fragmentos de vida deixados pelos outros, principalmente quando o perfil do envelhecimento se dá em condições de pobreza, aí a condição de subalternização e precarização da vida se revelam de maneira intensa. Quando se dá o movimento de passagem de classe trabalhadora para classe trabalhadora aposentada ou impossibilitada de ser produtiva pela idade, os cenários de vulnerabilidade se tornam mais crônicos (NÓBREGA, 2010).

O abandono de sua antiga vida cotidiana voltada para a produção em contraposição com o novo cotidiano imposto sob os auspícios de uma pseudo-ociosidade acaba por ir massacrando e deteriorando a autoestima do velho, e esta condição acaba o conduzido ao isolamento. A redução do contato com o mundo exterior ao da casa se torna constante, o que faz surgir um sentimento de inutilidade e solidão, levando à depressão e, muitas vezes, à morte (CARVALHO; GARCIA, 2003, p. 728).

Os velhos vivem e coexistem com uma sociedade que a todo tempo desconsidera o seu potencial. Na maioria do contato cotidiano, sentem como se os mais jovens não dessem mais lugar no mundo para eles, é como se todos os demais esperassem por sua morte ou como se o único lugar concebido para eles fosse entre os seus pares em lares de repouso ou trancados em casa, isolados das “intempéries”, resultado do atrito das relações sociais (LEFEBVRE, 2004).

A participação ao mundo produtivo se apresenta parcial e aparentemente negada ao velho. Essa negação se manifesta como imposição social, estimulando um exercício de substituição constante do “material humano” que anima as bases produtivas. Pode-se inferir que o trabalho humano é valorizado quando é associado à força produtiva e à plena capacidade de realizar atividades (SANTOS, 1987).

Em função da constante elevação na expectativa de vida que a população mundial e especialmente a população dos países em processo de desenvolvimento vem apresentando nos últimos anos, as pessoas se veem obrigadas a não mais ignorar o grupo dos indivíduos envelhecidos ou em processo de envelhecimento, pois estes já não representam o quadro das minorias sociais, o que gera algumas tensões ou formas ainda não completamente aceitas de interação intergeracional (ONU, 2002). Com a apresentação desse novo grupo, estatisticamente consolidado e em franco processo de crescimento, faz-se necessário estabelecer um novo conjunto de ordem paradigmática que permita a renovação de posturas em relação às formas de interação social e intergeracional.

A incapacidade de os núcleos urbanos abarcarem o contingente populacional envelhecido se torna visível quando são estabelecidas análises da influência exercida pelo processo de reprodução do capital acerca da organização da vida e do território (LEFEBVRE, 2011). Os avanços na condição de envelhecimento justificam a criação de uma agenda mundial que assuma o tema como prioridade.

Os conflitos entre os que sobreviveram ao tempo e os mais novos colocam a humanidade em um dilema de gerações, em que as necessidades de grupos humanos distintos precisam ser consorciadas a fim de garantir a vida possível, com níveis de dignidade a todos que participam do tecido social.

A sociedade, no entanto, compartilha um conjunto de códigos e comportamentos que tendem a esconder as falhas e os defeitos e valorizam apenas o que é considerado socialmente belo, forte, novo, etc. Essa condição de espetáculo monta uma farsa coletiva em que todos compartilham valores alienados e a verdade é cada vez mais relegada a um nível inferior da discussão.

A condição do espetáculo social engendrada pela sociedade moderna e denunciada por Debord (1991) precisa ser trabalhada, ou seja, a realidade precisa ser desvelada e o mundo precisa ser visto tal qual ele o é. As fragilidades e urgências precisam assumir o ponto principal das discussões estabelecidas no cenário público formal e nas rodas de discussões acadêmicas, científicas e cotidianas; é a partir dessa condição de “enxergar a realidade” que o envelhecimento precisa ser pensado. Assim, faz-se urgente estabelecer reflexões sérias e comprometidas não apenas com a análise do processo de envelhecimento, mas preocupadas com as necessidades da “sociedade envelhecida” que reivindica cuidados coletivos e responsabilidade do Estado.

Para continuar avançando no entendimento dos processos que nos ajudam a entender a condição do envelhecimento humano, tanto com suas potencialidades como com suas dificuldades e limites, e entender o sentido do que é velho e do que seja o envelhecimento, é indispensável estabelecer as diferenças e divergências com o que venha a ser o novo, no caso, o que é jovem. Definir o que é velho pressupõe analisar os contextos sociais que estabelecem como contraposição o novo, o jovem.

A relação dialética entre o velho e o novo e o peso que a isso seja abstraído do constante processo da transformação de uma noção em outra será o ponto de partida para se entender como a velhice e o processo de envelhecimento humano, em nossa sociedade atual, afastam-se incontestavelmente de uma consequência do avançar de anos vividos e vai assumindo um delineamento carregado de preconceitos e estigmas que vão elevando o novo e excluindo o velho. Ao se debruçar sobre a dinâmica social em uma constante devir

histórica, faz-se fundamental entender o velho para além da sua aparência e, neste sentido, é preciso entender que a velhice e o envelhecimento não estão apenas restritos ao avançar no conjunto dos anos vividos, mas se apresentam de forma “[...] multidimensional, determinado socialmente, não apenas em relação às condições econômicas, mas também no plano simbólico, na percepção coletiva sobre o envelhecer” (CARVALHO; GARCIA, 2003, p. 735).

Envelhecer, como aponta Fernández (2007, p. 61, tradução nossa) é um processo que tem como característica “[...]o conjunto das sucessivas fases de um fenômeno, em nosso caso, nos referimos às etapas físicas, psicológicas e sociais pelas quais uma pessoa passa até chegar à velhice”<sup>10</sup> Isso se opõe às características biológicas apontadas como definidoras, hegemonicamente, do que seja a velhice e o envelhecimento, uma vez que, como aponta Carvalho (2007, p. 28), o envelhecimento biológico se restringe a entender “[...] o tempo de vida humana que o organismo sofre consideráveis mutações de declínio na sua força, disposição e aparência, as quais não incapacitam ou comprometem o processo vital”. Em nosso caso, isso não ajudaria a entender o processo de envelhecimento humano em sua totalidade.

A maneira como as ideias de velho, velhice e envelhecimento trazem consigo uma carga muito *sui generis*, que como já discutimos anteriormente, estão carregadas da maneira do mundo funcionar com base no processo de reprodução do capital, do modo de produção atual que tem como princípio a extração da mais-valia em todas as dimensões.

A sociedade, nos contextos de exclusões, fraturas e fragmentos é entendida como “uma totalidade destotalizada” (BEAUVOIR, 1990, p. 260), em que os indivíduos se comunicam e compartilham através de sua *práxis* e da diversidade desta. O que se coloca como reflexão é que as pessoas envelhecidas não partilham dessa *práxis*, sendo assim, o velho corresponderia a uma *exis* social, em que o imaginário social conduziria a uma condição de estranhamento social, a um não pertencimento ao mesmo grupo.

O processo de envelhecimento se apresenta como um elemento constante ao tecido social, e as questões transitam entre as mais diversas escalas. A sociedade e a ciência precisam discutir a questão quase como uma tomada de consciência coletiva em que o idoso seja entendido como um ser pertencente ao universo da *práxis* social. Ainda como uma possibilidade de aproximação das reflexões sobre o envelhecimento humano, é possível recorrer às contribuições da demografia quando se apresenta o conceito de envelhecimento

---

10 No original: “[...] el conjunto de las fases sucesivas de un fenómeno, en nuestro caso nos referimos a las etapas físicas, psicológicas y sociales que pasa una persona hasta llegar a la vejez.”

populacional, que para esse ramo do conhecimento o conceito é entendido como “[...] o crescimento da população considerada idosa em dimensão tal que, de forma sustentada, amplia a sua participação relativa no total da população” (MOREIRA, 1999. p. 36).

O envelhecimento humano é composto por um conjunto bastante amplo de elementos que apresentam uma diversidade de abordagens. A forma teórica como o conceito de envelhecimento é entendido e operacionalizado influencia diretamente na forma prática como ele se apresenta ao grupo social. As representações sobre a velhice e o ser velho correspondem a um conjunto de determinações que ajudam a identificar uma espécie de matriz sobre a compreensão do que é o envelhecimento. Essas determinações estão associadas a perspectivas antropológicas, sociológicas, econômicas e políticas sobre a velhice, que ora estão presas a estruturas rígidas e quase intransponíveis, ora essas estruturas se apresentam de forma mais flexível, possibilitando novas representações e debates sobre o envelhecimento, o que apresenta o envelhecimento às particularidades do próprio processo de reprodução do capital e cria marcas e maneiras de ser no mundo.

Essa relação esquizofrênica da sociedade para com os velhos é revelada nos espaços sociais da modernidade, que foram e são produzidos e reproduzidos com a perspectiva de se conectar ao modelo de reprodução das relações capitalistas e, dessa forma, o que é velho já não mais interessa. Assim, produz-se uma realidade que já nasce amnésica, desconsiderando aquilo que a produziu e negando tudo o que está obsoleto. O mundo atual faz com que sociedade e espaço produzido estejam conectados com os signos da modernidade, ou seja, com as técnicas e as tecnologias mais recentes, pois só assim é possível ser mais produtivo. A partir de então, pode-se entender que, de uma maneira ampla e generalizada, esquecendo os processos que surgem como resíduo, não há mais espaço para o velho, pois ele é signo do atraso, do não móvel e, conseqüentemente, reflete uma imobilidade na possibilidade de fazer o capital se realizar. É preciso tornar tudo novo de novo. A pergunta que se configura é: e os velhos? Vamos ter que nos livrar deles? Ou a eles não é dado o direito de viver?

#### 4 Considerações finais

A condição na qual a sociedade moderna estabelece as suas bases é reveladora de um conjunto de constrangimentos sociais que se apresentam como desafios. Notadamente, esse conjunto de constrangimentos é reforçado quando grupos subalternizados precisam que suas necessidades sejam atendidas no

contexto da reprodução veloz do mundo moderno. Os mecanismos utilizados até o momento não dão conta de dar voz significativa a essa plêiade de indivíduos que tentam sobreviver perante aos limites de sua condição, imposta pela reprodução e generalização das desigualdades, reforçando, assim, cenários de opressão que beiram a condição de exclusão.

Não obstante, recorrendo à herança histórica de abandono, o grupo dos indivíduos envelhecidos sofreu e sofre uma miríade de privações que os levam a situações de extrema vulnerabilidade, principalmente quando eles se encontram em condição de pobreza, o que não raro se concretiza em função dos baixos rendimentos advindos dos programas de previdência social e da falta de assistência, comuns à condição desses indivíduos.

É através da análise da vida cotidiana e do cotidiano que o tema do envelhecimento ganha sentido e fôlego pensado como elemento a ser analisado no processo de reprodução do espaço social. O envelhecimento humano se apresenta como uma chave, uma espécie de *categoria* de análise e interpretação de uma parcela significativa da condição urbana moderna. O tema do envelhecimento está associado a processos de intensa desigualdade social.

As dificuldades em (re)produzir o espaço social pensando formas de inserção diferentes daquelas subalternizadas e reflexo da precarização, frutos de uma lógica perversa do capital, põem-se como parte do desafio contemporâneo para a tentativa de superação das alienações e cooptações empreendidas por um capital que se tornou fetiche, que fustiga o sonho dos indivíduos e os convence que o sentido da vida é ser produtivo. Para esse tipo de sociedade moderna, é preciso ocupar a vida cotidiana com tarefas que rendam algo; esse é o ritmo da alienação que forja valores sociais e que consolida o rótulo do economicamente orientado para o produtivo. Essa é, talvez, a chave de interpretação possível para se entender a condição dos indivíduos envelhecidos em nossa sociedade.

#### THEORETICAL REFLECTIONS ABOUT DAILY LIFE AND GEOGRAPHY IN HUMAN AGING

##### abstract

This article was built as a theoretical reflection exercise based on the reading of the present world as an expression of modernity in transformation, in this sense, the human aging was worked from the daily construction that emerges in modernity and directly influences the interpretation of government socio-spatial. Inexorably, the reflection on the world and the world's dynamics related processes are geographically

essencial, since all social action is performed in a real and concrete world and. To think contemporary, among other possibilities, requires reflections on the conceived, the perceived and the lived. This brings us to everyday life, in a broad sense, as a central category of reflection, since it helps us to understand the social reproduction mechanisms that reveal the possibilities and impossibilities of life achievement in different levels, so we assume the reflections between everyday and geography can, if used carefully, assist in the interpretation of today's world, with particular interest of old age and the aging process. This exercise analyzes links and behaviors beyond the apparent, showing the processes of synchronic and diachronic way, recovering the connections and contradictions of reproduction of society, beyond the immediately apparent and structural.

#### key words

Human Aging. Routine. Daily Life.

#### referências

BACELAR, Rute. *Envelhecimento e produtividade: processos de subjetivação*. 2. ed. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches, 2002.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice: o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições de vida dos idosos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CAMARANO, Ana Amélia. *Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica*. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

CARVALHO, José Alberto Magno; GARCIA, Ricardo Alexandrino. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 725-733, maio/jun, 2003.

CARVALHO, Maria Clotilde Barbosa Nunes Maia de. *O diálogo intergeracional entre idosos e crianças: projeto "Era uma vez... atividades intergeracionais"*. 2007. 123 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

DEBORD, Guy. *Sociedade de Espetáculo*. Lisboa: Mobilis in Móvilis, 1991.

FERNÁNDEZ, Rosario Paniagua. El proceso de envejecimiento y la intervención social. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 4, n. 1, p. 57-75, jan./jun. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Projeção da População do Brasil*. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/2013/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default.shtm)>. Acesso em: 19 ago. 2015.



KOWARICK, Lúcio. Viver em risco: sobre a vulnerabilidade no Brasil urbano. *Novos Estudos*, São Paulo, v. 63, n. 1, p. 9-30, jul. 2002.

LEFEBVRE, Henri. *Estrutura social: a reprodução das relações sociais*. In: MARTINS; FORACCHI (Org.). *Sociedade e Sociologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

\_\_\_\_\_. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2011.

\_\_\_\_\_. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

\_\_\_\_\_. *A produção do espaço urbano*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. Tradução do grupo "As (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea", do Núcleo de Geografia Urbana, do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). (Texto não publicado).

MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Relatório Nacional brasileiro sobre o envelhecimento da população brasileira*. Brasília: Divisão de Temas Sociais, 2004.

MOREIRA, Morvan de M. *Envelhecimento da População Brasileira: aspectos gerais*. In: SEMINÁRIO ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA, 1, 1999, Belo Horizonte, *Anais...* Belo Horizonte: ABEP-CEDEPLAR, 1999.

NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. *Antigos Lugares, Novos Temas: os sinais do tempo no bairro da Boa Vista*. Recife: EDUFPE, 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento*. Madrid: Conferência das Nações Unidas para o Envelhecimento Humano, 2002.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EDUSP, 2002.

\_\_\_\_\_. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. 2003. 419 f. Tese (Livre-Docência em Geografia Urbana) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2003.

TOMASINI, Sérgio Luiz Valente. Envelhecimento e planejamento do ambiente construído: em busca de um enfoque interdisciplinar. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 2, n. 1, p. 76-88, jan./jun. 2005.

Recebido: 09/08/2014  
Aceite Final: 21/08/2015